

## **As perdas podem contribuir para o desenvolvimento psíquico?**

*Cristina Cruz*

*Helena Ventura*

*Margarida Pocinho*

**Resumo:** O luto é caracterizado por um conjunto de particularidades que o torna distinto de outros processos comportamentais. O objetivo deste trabalho consiste em fazer uma abordagem sobre as perdas na infância até à adolescência, sobre a forma de como a criança e o jovem vivem o processo de luto. Este estudo analisa a forma de como as crianças e os jovens percecionam as perdas. Para compreender este fenómeno, foi utilizado o desenho e uma grelha de análise que teve como base o questionário Fear Survey Schedule for Children – Revised (FSSC-R) de Ollendick. Participaram crianças e jovens com idades compreendidas entre 9 e 17 anos que frequentam o 5º e 9º ano de escolaridade, em escolas públicas e privadas do Funchal. Os principais resultados revelam que o tema mais representado pelas crianças está relacionado com a perda associada à morte de uma figura significativa e do seu animal de estimação e na do jovem acresce o amor pelo outro. Este estudo permitiu-nos ainda, conhecer os fatores que podem facilitar ou dificultar o processo de luto nas crianças e nos jovens, com o intuito de integrá-lo de forma saudável no seu desenvolvimento e contexto social.

**Palavras-chave:** Perdas, Crianças, Jovens.

### **Introdução**

Existem poucos estudos realizados em Portugal sobre as perdas e a morte na infância e adolescência, assim, será pertinente perceber a perceção que os mesmos têm sobre este tema.

Em 2010, após a intempérie do 20 de fevereiro na Madeira, verificamos que diversas famílias e alunos da nossa escola foram gravemente afetados. O serviço de psicologia teve a necessidade de intervir junto da população afetada por esta catástrofe. Neste sentido, seria importante estudar de que forma as crianças e jovens reagem às situações de perda. Com o intuito de compreender melhor estas temáticas das perdas e da morte, um grupo de psicólogas da Madeira realizou uma reco-

lha de dados em algumas escolas públicas e privadas do ensino básico, das quais as crianças e os jovens tinham vivenciado perdas.

As perdas afetam, com maior ou menor intensidade, a vida de todos nós e podem originar processos emocionalmente muito significativos. As perdas que causam mais impacto psicológico, normalmente ocorrem no contexto de relações bastante significativas (Canavarro, 2004). No entanto, as perdas sentidas pelas crianças nem sempre são reconhecidas pelos adultos como sentimentos de dor e medo. Por sua vez, as perdas são associadas a diferentes dimensões tais como, a dor da perda de um amigo, uma discussão, o medo de deixarem de ter a atenção dos pais após o nascimento de um irmão mais novo ou de perderem alguém muito importante – são fatores que provocam sofrimento. Brazelton (2010) refere que a aprendizagem relacionada com a perda e o desgosto pode ser uma experiência importante para uma criança e pode ser também uma oportunidade para a família partilhar as suas crenças e sentimentos e reunir as defesas necessárias para enfrentar o desgosto.

O processo de recuperação envolve uma readaptação das relações e redistribuição dos papéis necessários para colmatar a perda e continuar com a vida familiar. É fundamental promover a coesão e flexibilidade no sistema familiar para o seu equilíbrio (McGoldrick & Walsh, 1998).

Cerqueira (2004) acrescenta que o trabalho de luto exige investimentos de energia que é gasta no sofrimento de perda, na assimilação da perda e na reconstrução. E isto passa-se tanto a nível individual como familiar. No primeiro existe ambivalência entre reaver o objeto perdido, a culpabilidade e revolta. A nível familiar surge uma crise de mudança dando lugar a processos de reestruturação que conduz ao equilíbrio do sistema familiar. Nas crianças e nos adolescentes o processo de luto é uma experiência comum, mas angustiante. Trata-se de uma reação normal à perda de uma pessoa ou de um objeto de investimento (um animal, um ideal, um projeto, um lugar). O luto permite adaptar-se à perda e à separação, sendo processo necessário e indispensável (Cerqueira, 2004; Machado, 2006).

Segundo Machado (2006), existem alguns aspetos que influenciam a forma como a criança e o adolescente experiencia o processo de luto e que devem ser tidos em conta, para que se possa ajudar e apoiar os

mesmos neste processo, tendo em conta, a idade que possui na altura da perda, da personalidade, do estágio de desenvolvimento cognitivo e psicossocial, as vivências anteriores à experiência da perda, os valores familiares, culturais, religiosos, sociais.

As variáveis que influenciam o percurso do luto na infância e adolescência estão relacionadas com as causas e circunstâncias da perda, o que se diz à criança/jovem e onde, que oportunidades lhe são dadas, mais tarde, para fazer perguntas sobre o que aconteceu; as relações de família depois da perda, referência à permanência da criança com o progenitor sobrevivente e como passaram a ser as “novas” (caso surjam) formas de relacionamento como consequência da perda; os modelos de relação dentro da família antes da perda principalmente no que se refere aos padrões que predominavam entre os pais e entre cada um deles e a criança enlutada (Bowlby, 1998).

## **Metodologia**

### *Participantes*

A amostra inclui 167 crianças e adolescentes com idades compreendidas entre 9 e 17 anos que frequentam o 5º e 9º ano de escolaridade, em escolas públicas e privadas do Funchal. No entanto, desta amostra inicial apenas 82 crianças responderam às instruções do estudo: realizar representações iconográficas das perdas e dos medos das crianças. Os restantes desenharam ilustrações que não corresponderam ao solicitado e foram excluídos deste estudo. Outros ainda embora tenham desenhado assuntos congêneres não realizaram a narrativa correspondente.

### *Instrumento*

O instrumento de recolha de dados utilizado consistiu nas representações iconográficas das perdas e dos medos das crianças. São diversas as investigações (Carvalho & Barbosa-Lima, 2008; Copper-Royer, 2007; Coquet, 1995; Roberto, Miranda, & Cavadas, 2011) que utilizam

o desenho como instrumento de recolha de dados, por serem relevantes para aferir as ideias das crianças e dos adolescentes que por vezes se torna difícil explicar por palavras. A utilização do desenho permite à criança e ao adolescente modificar a realidade, ao fazer surgir algo que não existe antes e fazendo-a, simultaneamente, sentir-se autora dessa transformação. O desenho é o meio de comunicação e de representação que a criança usa para expressar as suas ideias, percepções e descobertas (Coquet, 1995).

### *Procedimentos*

Num primeiro momento foram contactados os diretores das escolas, de forma a autorizar o estudo e, num segundo momento, foi solicitado aos pais a autorização para a participação dos seus filhos no estudo. A este grupo foi solicitado que representasse graficamente uma perda significativa ou um medo, ou seja, que expressassem através do desenho uma perda ou um medo que tivesse causado impacto ou sofrimento na sua vida. Foi também indicado que elaborassem uma narrativa acerca do desenho que fizeram.

O questionário *Fear Survey Schedule for Children – Revised (FSSC-R)* de Ollendick (1983) esteve na base da construção da grelha de análise usada para classificar os medos ilustrados nos desenhos das crianças e nas narrativas das crianças. Este questionário está organizado por 5 fatores: o medo do perigo e da morte, o medo do falhanço e da crítica, o medo do desconhecido, o medo de pequenos animais e o medo de atos médicos.

No presente estudo, após uma análise exploratória dos desenhos e das narrativas, excluiu-se o medo “falhanço e da crítica” e o “medo de pequenos animais”, de acordo com os fatores usados por Ollendick (1983), por não terem sido representados por nenhuma participante. Contudo foram ainda incluídos, de acordo com a literatura, outros fatores que foram representados pelos participantes no que se refere às perdas de animais, perda de objetos e perda por afastamento ou ausência.

## Apresentação e discussão dos resultados

Após uma análise dos desenhos realizados pelas crianças e adolescentes verificamos que estas exprimem as suas representações mentais. Estas produções implicam a representação de uma imagem real que se liga à imagem mental que as mesmas têm sobre a morte e perda.

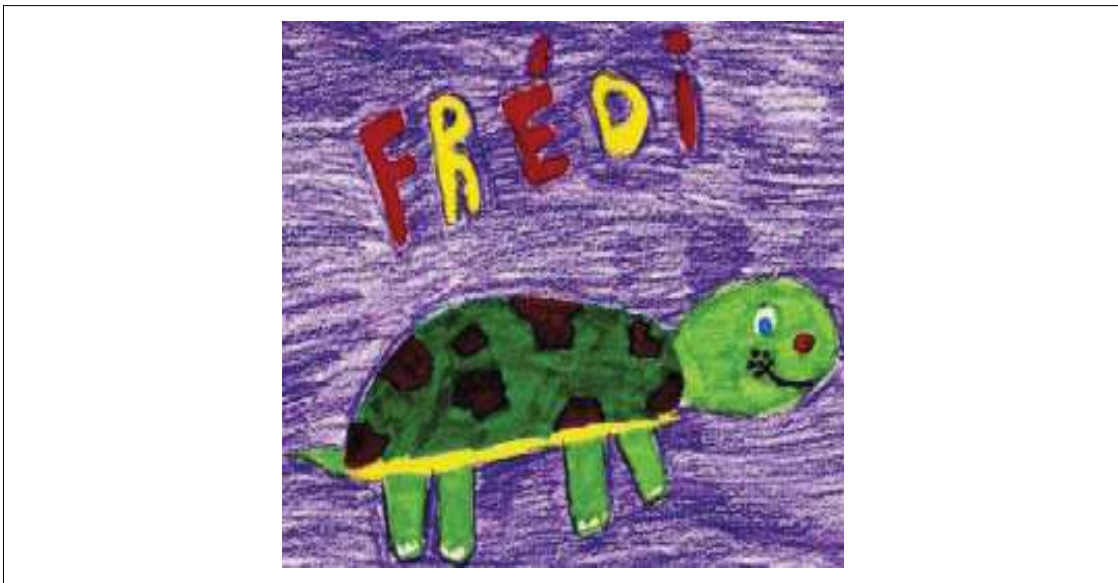
Verificamos que os temas retratados pelas crianças são diferentes dos adolescentes, enquanto os primeiros representam e dão significados às perdas por afastamento ou ausência de alguém que foi significativo, do objeto estragado, do animal de estimação e do familiar que morreu; os adolescentes dão mais significado às perdas relacionadas com a morte, o suicídio e o medo de morrer.

O tema mais figurado pelas crianças relaciona-se com a morte de um familiar ou animal de estimação. Na Figura 1 podemos observar um desenho de um menino de 10 anos que representou a seu avô dizendo que tem muitas saudades dele e que ele é um querido. Louzette e Gatti (2007) explicam que perder alguém significativo implica a necessidade de adaptação a viver sem ela, e, para a criança, a perda de uma figura de referência influencia o seu desenvolvimento. Estas influências podem ser a nível social, emocional, comportamental levando a criança a acreditar que só ela perdeu um ente querido.



*Figura 1.* Crianças de 10 anos que perdeu o avô

Em relação à perda do animal de estimação, as crianças representam e relatam histórias do seu animal. Como podemos observar na Figura 2, uma criança de 9 anos que representou a sua tartaruga Frédi, que é um menino. Salientou a criança: “todos os dias ainda me lembro dele e prometi ao Frédi que nunca o esqueceria”. Quase todas as crianças já experienciaram a perda de um animal de estimação. Machado (2006) refere que para preparar uma criança para a perda deverá fazer parte do quotidiano da criança, para que esta a aceite como um fenómeno natural, ou seja, as flores secam e morrem, um animal de estimação que adoece e morre, associando a estas situações o processo de irreversibilidade.



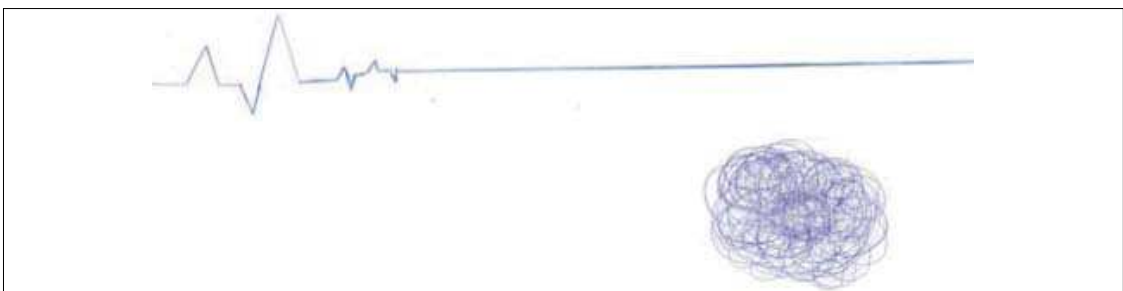
*Figura 2.* Desenho da perda do animal de estimação

Podemos verificar que nos adolescentes as temáticas mais ilustradas estão relacionadas com o medo de morrer. Kovács (2008) refere que o medo de morrer é universal e atinge todos os seres humanos independentemente da idade, sexo, nível socioeconómico. O jovem de 15 anos representou um pensamento sobre o medo de morrer e de como este ficaria neste estado de falecimento (Figura 3).



*Figura 3.* Representação gráfica de um jovem de 15 anos acerca do medo de morrer

Dado o processo de maturação de que o adolescente é sujeito, é crescente a tomada de consciência da finitude da vida. Simultaneamente neste processo evolutivo os jovens pensam sobre o sentido da vida e, por conseguinte, na morte e no suicídio. Neste estudo os jovens representam mais a visão da morte como algo natural no desenvolvimento humano, ou seja, como facto universal e inevitável (Figura 4). Segundo Kovács (2008) e Rodriguez e Kovács (2005) na adolescência, a morte é pensada como impedimento da realização de sonhos e da concretização de objetivos, os quais são inerentes à fase de desenvolvimento que o adolescente se encontra, onde tudo acontece e está a ser construído.



*Figura 4.* Representação gráfica de um jovem de 15 anos acerca da linha da vida

Outro adolescente representa a morte como algo que é doloroso e penoso, sendo o mesmo visto como um processo que envolve comportamentos autodestrutivos os quais não são naturais. Segundo Mesquita, Ribeiro, Mendonça e Maia (2011) o comportamento suicida envolve

um conjunto de pensamentos, motivações e acções cujo intuito é o de pôr termo à própria vida, ou seja, implica uma autoagressão intencional com o fim de provocar a morte.



*Figura 5.* Representação gráfica de uma jovem de 14 anos acerca do suicídio

## **Conclusões**

Os resultados descritos vão no mesmo sentido do que Pinto (1996) salientou, ou seja, as crianças passam por uma angústia que é marcada basicamente pela separação do ente querido, pelo temor ao desconhecido, pelo afastamento ou ausência de alguém significativo e pela morte do animal de estimação. O autor acrescenta, ainda, que as crianças têm capacidade para desenvolver uma noção sobre a sua própria morte. A partir dos 8 anos este conceito gira em torno da perda física e da irreversibilidade.

O mecanismo de defesa face ao processo de luto mais frequentemente utilizado pelas crianças participantes neste estudo foi a fantasia, verificada através das representações icônicas e respetivas narrativas. Estes dados são concordantes com as investigações que Franco e Mazorra (2007) referem que crianças e jovens também relacionaram as suas fantasias com o processo de luto e concluíram que, através da fantasia, é possível favorecer o processo de elaboração do luto e que os sentimentos manifestados pelas crianças, como desamparo em relação à morte de um dos progenitores, podem desencadear em cada criança sentimentos de ameaça à sua sobrevivência física e emocional e levar ao desenvolvimento de quadros psicopatológicos na idade adulta.

Este estudo permitiu-nos compreender melhor como é a criança vivência a experiência da perda e da elaboração do processo de luto. Permitiu-nos ainda conhecer os fatores que podem facilitar ou dificultar esse processo e o tipo de intervenção que deve ser realizada para que a criança e o adolescente consigam ultrapassá-lo de uma forma saudável. Os psicólogos e outros especialistas da saúde mental devem estar dispostos a abrir um espaço para a comunicação, o que irá ajudar a criança e o jovem a expressar os seus sentimentos. O importante é não ficar indiferente e aprender a pensar sobre as coisas do mundo, as boas e as más, mas implica disponibilidade para escutar, olhar e ver para além da superfície.

Ao criar estes espaços para o tema da morte nas escolas é preciso observar a dinâmica institucional e selecionar profissionais que sejam facilitadores da comunicação entre crianças, adolescentes, adultos, idosos, famílias e profissionais de saúde e educação diante desse tema tão complexo e presente.

## **Referências**

- Bowlby, J. (1998). *Perda, tristeza e depressão*. S. Paulo: Martins Fontes.
- Brazelton, T. B. (2010). *O grande livro da criança – O desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos* (12ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.

- Canavarro, M. C. (2004). Vinculação, perda e luto: Implicações clínicas. *Psychologica*, 35, 35-47.
- Carvalho, A. M. P., & Barbosa-Lima, M. C. (2008). O desenho infantil como instrumento de avaliação da construção do conhecimento físico. *Revista Eletrónica de Enseñanza de las Ciencias*, 7(2), 337-348.
- Cerqueira, M. M. A. (2004). Luto na família cuidar dos que ficam. *Revista de formação contínua em enfermagem: Enfermagem perante a morte*, 194, 28-30.
- Copper-Royer, B. (2007). *Os medos das crianças*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Coquet, E. (1995) *A narrativa gráfica das crianças dos 5 aos 10 anos de idade*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura, tese de Doutoramento.
- Franco, M. H., & Mazon, L. (2007). Criança e luto: Vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 4, 503-511.
- Haasl, B., & Marnocha, J. (1990). *Group program for children*. Bristol: Accelerated Development.
- Kovács, M. J. (2008). *Morte e desenvolvimento humano* (5ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Machado, A. M. S. (2006). Como lidam as crianças com a morte/luto. *Revista Sinais Vitais*. 67, 45-50.
- Maliski, S. (1998). *Enfermagem fundamental: Abordagem psicológica*. Lisboa: Lusodidacta.
- Mallon, B. (2001). *Ajudar as crianças a ultrapassar as perdas: Estratégias de renovação e crescimento*. Porto: Âmbar.
- McGoldrick, M. (1998). Ecos do passado: Ajudando as famílias a fazerem o luto de suas perdas. In Froma Walsh & Mónica Mc Goldrick (Eds.), *Morte na família: Sobrevivendo às perdas*. São Paulo: Artes Médicas.
- Ollendic, T. H. (1983). Reliability and validity of the revised Fear Survey Schedule for Children (FSSC-R). *Behavior Research and Therapy*, 21(6), 685-692.
- Papadatou, D., & Papadatos, C. (1991). *Children and death*. Philadelphia: Hemisphere Publishing Corporation.
- Roberto, R., Miranda, T., & Cavadas (2011). Os medos dos alunos do 1º ciclo do ensino básico. *Atas do V do CIE – Escolas e comunidade*, Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Vendruscolo, J. (2005). Visão da criança sobre a morte. *Medicina*, 38(1), 26-33.

- Wilken, C. S. (2008). Learning to live through loss: Helping children understand death. *Department of Family, Youth and Community Sciences*. University of Florida.
- Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Rodriguez, C. F., & Kovács, M. J. (2005). Falando de morte com o adolescente. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 5(1), 127-143.

